

**“FRANJAS DE ALGODÃO EM MANTOS DE VELUDO” – AS IDEIAS, E O DIABO,
FORA DO LUGAR NUM CONTO DE MACHADO DE ASSIS**

**“FRANJAS DE ALGODÃO EM MANTOS DE VELUDO” -
THE IDEAS, AND THE DEVIL, OUTSIDE THE PLACE IN A TALE OF MACHADO
DE ASSIS**

Tiago Ferreira da Silva*

RESUMO

Procura-se analisar o conto “A igreja do diabo”, de Machado de Assis, à luz do pensamento desenvolvido por Roberto Schwarz em seu famoso artigo “As ideias fora do lugar” (2005). O que se pretende discutir é como o texto machadiano reflete não somente sobre aspectos religiosos ou sobre o desejo do ser humano de estar desvinculado de normas religiosas, mas também como representa, literariamente, a estrutura social brasileira da época, travestida “em capas de veludo com franjas de algodão”, ou seja, revestida da ideologia liberal europeia, mas alicerçada no atraso do regime escravo e no regime do favor.

PALAVRAS-CHAVE: Machado-de-Assis; Deus; diabo; Roberto-Schwarz; ideias-fora-do-lugar;

ABSTRACT: The story of “A igreja do diabo”, by Machado de Assis, is analyzed in the light of the thinking developed by Roberto Schwarz in his famous article “As ideias fora do lugar” (2005). What we want to discuss is how the Machadian text reflects not only on religious aspects or on the human being’s desire to be detached from religious norms, but also how he literally represents the Brazilian social structure of the time, dressed in “velvet cloaks with fringes of cotton”, that is, clothed with European liberal ideology, but based on the backwardness of the slave regime and the regime of favor.

KEYWORDS: Machado-de-Assis; God; devil; Roberto-Schwarz; ideas-out-of-place.

Um dos pontos mais instigantes acerca do tema religião na obra machadiana é a presença recorrente das figuras de Deus e o diabo. Os polos opostos da tradição cristã surgem como elementos de análise de comportamentos e posturas contraditórios – e por vezes complementares -, presentes na sociedade de modo geral. O conto “A igreja do diabo”² será um dos mais bem acabados exemplos do trabalho de apropriação das figuras divina e diabólica na obra de Machado de Assis.

A narrativa do conto se inicia com as considerações do diabo sobre sua vida, segundo conta um “velho manuscrito beneditino” (p. 369). A citação do referido manuscrito, feita pelo narrador, funciona como artifício para que a história ali narrada pareça algo grave e sério, porém o que se vê é a marca da ironia machadiana logo nas primeiras linhas da narrativa. O diabo, não satisfeito em viver “dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos” (p. 369), decide fundar uma igreja.

Note-se mais uma vez a presença da ironia machadiana no momento em que o narrador nos diz que diabo vive exatamente do crédito que lhe dá a “igreja de Deus”, porém “sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos”, mesmo que “seus lucros fossem contínuos e grandes” (p. 369). É importante ressaltar que, ao cogitar a criação de sua igreja, o diabo seguirá a mesma organização e os mesmos padrões da Igreja Católica:

Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal e a minha igreja uma tenda

* Doutorando em Literatura Brasileira no PósLit/UnB e professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: tiago_fsilva@yahoo.com.br.

de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim nem Maomé nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há um só de negar tudo (p. 369).

Assim se manifesta o diabo sobre sua futura instituição e decide, então, comunicar seu propósito a Deus. O caráter ambicioso da aspiração diabólica é relevante, pois busca um meio de se afirmar com base nas contradições das demais religiões, conforme se vê nas referências a Maomé e a Lutero. A afirmação de que há um só modo de negar tudo deixa claro que, da parte do diabo, há um plano sistematicamente elaborado, e com bastante lógica, que o leva a apresentar seu propósito ao Criador.

A segunda parte do conto, “Entre Deus e o diabo”, centra-se no diálogo entre a figura divina e a diabólica; O último se mostra agitado, enquanto o primeiro é descrito como sempre tranquilo e doce. O diabo reafirma sua inferioridade ao chamar, mesmo que ironicamente, Deus de mestre, acaba por trair a si mesmo com a intenção de honestidade em sua argumentação:

Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e adventício. É tempo de obter a vitória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com lealdade, para que não me acuseis de dissimulação (p. 370).

Após ouvir atentamente a exposição, Deus atribui ao diabo o discurso dos moralistas do mundo, pois tudo o que é dito pelo anjo caído “é assunto gasto”:

Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um espírito da tua espécie, replicou-lhe o Senhor. Tudo o que dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. É assunto gasto; e se não tens força, nem originalidade para renovar um assunto gasto, melhor é que te cales e te retires (p. 371).

A retórica divina se mostra impositiva e autoritária, afinal, como o todo-poderoso, Deus precisa conservar sua posição, o que se faz, nesse momento, por meio do discurso. O diabo, em vão, tenta proferir mais algumas palavras. O Senhor lhe impõe silêncio, restando ao visitante apenas resignar-se:

Debalde o diabo tentou proferir alguma coisa mais. Deus impusera-lhe silêncio; os serafins, a um sinal divino, encheram o céu com as harmonias de seus cânticos. O diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu na terra.

Em “A boa nova aos homens”, terceira parte do conto, o diabo veste a “cogula beneditina, como hábito de boa fama” (p. 371) e sai a espalhar a sua doutrina, a qual atrai uma imensidão de fiéis. Pregando todas as más qualidades e vícios, pretende “[...] substituir a vinha do Senhor [...] pela vinha do diabo [...] pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo” (p. 372).

O “espírito que nega” perverte a ordem e cria um mundo às avessas, totalmente contrário ao que era conhecido. Chega até a citar um padre, para falar contra o amor ao próximo:

[...] citava esta frase de um padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que escrevia a uma das marquesas do antigo regime: “Leve a breca o próximo! Não há próximo!” A única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo” (p. 373).

Como previra o diabo, sua igreja se tornara popular e “o tempo abençoou a instituição” (p. 373). De modo semelhante ao catolicismo, “a igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a

amasse” (p. 373).

Mas o homem, ser contraditório, cansa-se das normas vigentes e, aos poucos, volta à prática das antigas virtudes. O diabo assusta-se e, imediatamente, voa ao céu para ter com Deus e tomar conhecimento da “causa secreta de tão singular fenômeno” (p. 374). Deus, valendo-se do mesmo discurso que o diabo usara anteriormente, “pôs os olhos nele” e diz, fechando a narrativa: “Que queres tu, meu pobre diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana” (p. 375).

Diante do enredo e da temática do conto, à primeira vista, parece que se trata de uma crítica à religião e à maneira como as instituições religiosas se valem da fé para venderem uma ideologia e manipularem a vida humana. O fato de, mesmo na igreja do diabo, em que o pecado é a regra, o homem não se encontrar satisfeito e, por isso, retornar às práticas anteriores mostra-nos, de certa forma, o conflito do ser humano por não aceitar um mundo mecanicista regido por um Deus - ou um diabo - que tudo controla, e no qual a individualidade humana é nula. Haverá sempre uma insatisfação, um desejo de libertar-se dos sistemas de regras que objetivam limitar e manipular o livre arbítrio.

Entretanto, embora tais aspectos sejam importantes, o que há de mais significativo nesse conto não são as ideias apreendidas de forma mais evidente por uma leitura inicial. Quando se volta para uma leitura mais reflexiva, centrada não só no conteúdo explícito, mas na forma como é construída essa pequena narrativa, é possível ir mais longe e compreender como a genialidade e a visão crítica de Machado se fazem perceptíveis, uma vez que a forma do conto nos remeterá a problemas sociais, históricos e literários que nem sempre são captados à primeira vista. Captar a estrutura mais profunda do conto, ou seja, procurar decifrar a história oculta que se esconde por trás da mais evidente deve ser o caminho para a construção de uma interpretação mais consistente dessa pequena narrativa.

O ponto central da análise vem a ser justamente este: como Machado diz uma coisa querendo dizer outra? O escritor não se preocupou em tratar, de forma abstrata, a contradição humana, a qual, inicialmente, parece ser o tema central do conto; quis levar o seu leitor a entender como essa contradição pode ser, e é, construída historicamente, além de mostrar como a literatura servirá de meio para assinalar e iluminar o processo de construção de tal contradição (BASTOS, 2011, p. 12). O tom universalizante que o tema central possui não exclui a possibilidade desse conto voltar-se também para um problema local: a sociedade brasileira do século XIX e suas inúmeras contradições.

A narrativa de “A Igreja do diabo” nos revela um protagonista que se autoengana, pois se julga superior ao Criador e pretende, por meio de uma doutrina extremamente racional, ornamental e instrumentalizada, estabelecer um novo reino, que seria diferente e melhor que o anterior (o reinado de Deus) e conferiria a ele um domínio total da humanidade. Sintetizando: o diabo objetiva assumir-se como o *deus todo-poderoso* e atrair todos para si, a fim de construir um reinado alicerçado na liberalidade do pecado e de todas as práticas antes condenáveis. O problema é que estrutura sua igreja nos moldes da tradicional igreja cristã e se vale dos mesmos artificios utilizados pelo cristianismo anteriormente para tentar solidificar sua instituição. Que se pode depreender de tudo isso?

Voltando-se mais uma vez para a forma da narrativa - dizer uma coisa querendo dizer outra - surge o ponto principal/ mote do conto, argumento central utilizado pelo diabo para justificar seu intento: “em mantos de veludo há franjas de algodão assim como em capas de algodão há franjas de seda” (p. 370). A compreensão dessa metáfora contribuirá de modo significativo para a leitura que se pretende construir de tudo o que é tratado em “A igreja do diabo”.

O diabo ampara-se no argumento de que “as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão” (p. 370). Ou seja, ao lado das belas e puras virtudes, representadas pelo “manto de veludo”, emergem, no tempo e no espaço, fortes e imaculados pecados, manifestados pelas “franjas de algodão”. É a partir dessa ideia central que se fundará a igreja, a qual objetivará desmascarar o que se tinha por bom e recriar as virtudes invertendo-lhes o sentido.

Esta comparação constitui o modelo teórico e prático de toda a empresa diabólica. As virtudes

não são puras e absolutas. Em termos relativos, podem ter aspectos de maldade como as capas de seda podem ter franjas de algodão. O diabo propõe explorar esta relatividade, puxar as franjas, para obter uma vitória absoluta, trazendo “todas” as franjas, e com elas a seda pura, para a sua igreja. Em outras palavras, propõe criar um tecido de algodão único e contínuo (DIXON, 1992, p. 83).

Tomando-se por base as reflexões de Roberto Schwarz (2005), conclui-se que o diabo consegue fundar a sua igreja a partir da adequação de determinadas ideias a um contexto que não lhes é próprio e é daí que surge uma possível correlação do conto com a realidade histórica do Brasil, à época de Machado de Assis. A forma como é organizada a nova igreja, com a importação e adaptação de ideias que não lhes são próprias para um contexto específico, pode sugerir algo bem próprio da estrutura social brasileira, na qual dominava o fato “impolítico e abominável” da escravidão que excluía o Brasil da realidade da ciência e de seus princípios (SCHWARZ, 2005, p. 59).

Havia, no Brasil da segunda metade do século XIX, a presença de ideias do liberalismo europeu que estavam em total discordância com a nossa realidade, alicerçada ainda no trabalho escravo, porém insistindo em assemelhar-se às sociedades europeias, em pleno “progresso”. Machado será aquele que, realisticamente, penetra os meandros da sociedade fluminense, ou seja, o presente, já urbanizado e até certo ponto modernizado, na medida em que guardava em seu bojo a decomposição do sistema escravista e da hegemonia imperial. (BOSI, 2007, p. 151).

A assimetria e antinomia advindas dessa situação peculiar de um Brasil cuja elite não dispunha de outra retórica senão a do progresso linear constituem um dos pilares do modo machadiano de análise do país. As ideias advindas da Europa eram “travestidas” em terras brasileiras, ou seja, mudavam de roupa para que pudessem ser melhor absorvidas pelos que aqui viviam. Não havia correspondência entre umas e outras. As ideias não eram válidas à realidade do país, eram pura ideologia por estarem distantes da realidade material, embora dessem, mesmo assim, sentido a ela.

É claro que a liberdade do trabalho, a igualdade perante a lei e, de modo geral, o universalismo eram ideologia na Europa também; mas lá correspondiam às aparências, encobrindo o essencial – a exploração do trabalho. Entre nós, as mesmas ideias seriam falsas num sentido diverso, por assim dizer original (SCHWARZ, 2005, p. 60).

Tais ideias poderiam ser mudadas por uma estratégia de retórica para passarem a dar sentido ao que não possuía sentido anteriormente - ou era ilógico - e para justificar o injustificável. Da mesma maneira como, no conto, o diabo cria um mundo às avessas no qual o pecado é a virtude e esta é o vício, na sociedade brasileira da época buscava-se o modo de vida nos valores e ideais europeus a fim de criar a maneira para se viver no país, que estava completamente distante do que era a existência na sociedade brasileira de fato. Sérgio Buarque de Holanda observa: “Trazendo de países distantes nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão do mundo, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos uns desterrados em nossa terra” (HOLANDA, 2008, p.15).

Havia uma impropriedade de pensamento, presente na vida ideológica durante todo o Segundo Reinado, que é tratada com propriedade na prosa de Machado de Assis, escritor que soube captar, como nenhum outro, a realidade de ideias alheias entremeadas à nossa realidade, procurando determinar-lhe o rumo. Pela estrutura que o país apresentava – país agrário, dependente, dividido em latifúndios, cuja produção era sustentada, por um lado, pelo trabalho escravo e, por outro, pelo mercado externo – era inevitável “a presença do raciocínio econômico burguês [...] uma vez que dominava no comércio internacional, para onde nossa economia era voltada” (SCHWARZ, 2005, p. 62). A independência, há pouco conquistada, tornara-se realidade alicerçada em princípios e ideias que não nos pertenciam – eram francesas, inglesas e americanas – mas que se uniram à nossa identidade. Todo esse conjunto ideológico impróprio aos brasileiros irá se chocar, e conviver, com a escravidão e os que a defendiam.

Há uma incompatibilidade evidente aí que também pode ser percebida no conto. O diabo adota as mesmas formas e rituais da igreja divina, entretanto inverte o rumo da ideologia sem, contudo, abandonar a forma tradicional, agora permeada de um novo conteúdo. No Brasil, a lógica importada da Europa assumia feição diversa e deixava mais claras suas “franjas de algodão”, pois

enquanto lá havia, por exemplo, a especialização da mão-de-obra para economizá-la, aqui tal fato não se dava, pois o trabalho era feito, intencionalmente, num maior espaço de tempo, para que toda a atenção do escravo estivesse voltada para as suas tarefas.

O país estava numa situação contraditória, pois a simples presença da escravidão dava impropriedade às ideias liberais, embora não lhes impedisse o movimento. Como no conto, as ideias simplesmente mudam de roupa para justificar o injustificável, porém acabam deixando à mostra as mazelas da sociedade brasileira, as quais possuíam como mecanismo ideológico o *favor* (SCHWARZ, 2005, p. 65). O mecanismo do favor aqui estruturado será o regente da vida ideológica, envolvendo as classes produzidas pelo processo de colonização – senhor, escravo e “homem livre”-, contudo se tornando verdadeiramente efetivo entre senhores e “homens livres”. Era por meio de um favor de um grande que se criava a possibilidade de um “homem livre”, não senhor e não escravo, ter acesso à vida social e aos bens provenientes dela. Esteve esse mecanismo presente em vários ramos da sociedade, e era por meio dele que se praticava “[...] a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais” (SCHWARZ, 2005, p. 66). Esse mecanismo acentuava a contradição existente no país e dava mostras mais claras de como as ideias assumidas estavam deslocadas e fora de contexto.

Como observa Schwarz: “adotadas as ideias e razões europeias, elas podiam servir e muitas vezes serviram de justificação, nominalmente ‘objetiva’, para o momento de arbítrio que é da natureza do favor” (2005, p. 67). Essa ideia de favorecimento para engrandecimento, legitimada por meio de algum princípio racional, era, na verdade, o verdadeiro mecanismo ideológico brasileiro, mesmo que se insistisse em buscar fora as mais modernas ideias e trazê-las à realidade do país.

Contudo, as mais belas e notórias ideias do liberalismo europeu serviram de “mantos de veludo” às pessoas e à sociedade, apesar de possuírem, também, as suas “franjas de algodão”. “Nesse contexto, portanto, as ideologias não descrevem sequer falsamente a realidade, e não gravitam segundo uma lei que lhes seja própria” (SCHWARZ, p. 68). O ornato ideológico existe e, para se manter, necessita da cumplicidade, que a prática do favor lhe garante. Não é interessante a nenhuma das partes envolvidas denunciar a outra, porém os elementos necessários para fazê-lo aparecem a todo momento. É essa cumplicidade que assegurará, no Brasil, que nenhuma das classes – nem a do senhor e nem a do “homem livre” – era escrava. Mesmo o mais miserável dos favorecidos poderia reconhecer, no jogo do favorecimento, a sua livre pessoa.

Num período de grande desenvolvimento artístico e científico no continente europeu, era necessário ao Brasil também buscar o progresso e mostrar que estava à altura das grandes nações do velho continente. Hábitos, vestimentas, construções e outros aspectos da vida europeia foram trazidos para a realidade nacional e contribuíram para o autoengano do brasileiro. Procurávamos ignorar a escravidão, que tanto nos acompanhou, e a estrutura do favor, sempre presente, e levar uma vida nos moldes europeus, vivenciando um total desacordo entre a representação e o seu real contexto:

Em resumo, as ideias liberais não se podiam praticar, sendo ao mesmo tempo indescartáveis. Foram postas numa constelação especial, uma constelação prática, a qual formou sistema e não deixaria de afetá-las. Por isso, pouco ajuda insistir na sua clara falsidade. Mais interessante é acompanhar-lhes o movimento, de que ela, a falsidade, é parte verdadeira. Vimos o Brasil, bastião da escravatura, envergonhado diante delas – as ideias mais adiantadas do planeta [...] e rancoroso, pois não serviam para nada. Mas eram adotadas também com orgulho, de forma ornamental, como prova de modernidade e distinção (SCHWARZ, 2005, p. 77).

Essa constatação nos permite perceber familiaridades entre o que se via na sociedade brasileira e o modo de agir do personagem diabo no conto machadiano. Ambos, cansados de sua desorganização, querem mostrar-se avançados, organizados e metódicos, por isso buscam ideias que não lhes são próprias para se autoafirmarem e provarem que podem ser semelhantes, ou melhores, que aqueles que imitam. A construção irônica do conto parece, como uma das principais características da produção machadiana, dar conta de aspectos de nossa sociedade, mesmo que, aparentemente, a narrativa de “A igreja do diabo” em nada remeta aos aspectos da realidade brasileira.

O Brasil, no fim das contas, quer ser como a Europa, partilhar das mesmas ideias e costumes para dar mostras de progresso. O diabo, por julgar-se superior, procura assumir o lugar de Deus no domínio do mundo, mas assume a mesma estrutura e os mesmos mecanismos da igreja divina para alicerçar a sua. Enfim, ambos se valem de ideias alheias que aparecerão deslocadas e desconexas com a realidade de cada um. O diabo do conto serve como metáfora da realidade brasileira, a qual se vale de uma ideologia de segundo grau (SCHWARZ, 2005, p.68) para fundamentar um modo de vida contrário aos princípios da mesma ideologia assumida. Desse modo, a obra machadiana se mostra esteticamente eficaz como meio para revelar de que modo as ideias no Brasil estavam fora de centro, vestidas em roupas diferentes na tentativa de dar à sociedade brasileira uma feição mais próxima ao padrão exterior, embora só consiga mostrar que o mecanismo que rege as coisas por aqui é o mesmo de lá, porém com as devidas particularidades.

Em meio a toda a abordagem histórica presente no conto, e em toda a obra machadiana, faz-se necessário, também, explorar os mecanismos dos quais se vale o escritor para dar a ver as contradições existentes na sociedade de sua época. O pano de fundo histórico surge como matéria de sua literatura e as expressões de seu grande entendimento dos meios que determinavam o rumo do país surgem como expressão estética, como processo formal, em que se pode destacar a ironia, marca de sua visão crítica, e a volubilidade da classe dominante expressa na figura do narrador, cujo auge se encontra em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e em *Dom Casmurro* (SCHWARZ, 2001, p. 29).

A fina ironia machadiana, aguda e penetrante, (CANDIDO, 2004, p. 18) serve como meio eficaz de revelar a sua atitude questionadora frente à vida. Seu modo peculiar e realista de observar a realidade à sua volta levou o escritor a uma posição de descrença na melhora da sociedade e da humanidade, cabendo a ele a função de mostrar, de maneira profunda, as mazelas presentes na alma humana e os reflexos delas na vida social.

O conto “A igreja do diabo” deixa bem clara, também, a atitude negativa de Machado frente à ideia de salvação humana. A figura do diabo, representado de forma prepotente e irônica, consegue estabelecer a sua igreja com a permissão divina e propaga a sua doutrina valendo-se de exemplos voltados para a desconstrução do que se tinha por verdade e por princípios a se seguir. A liberalização do pecado como eixo condutor da vida humana nada mais mostra que a hipocrisia que já existia na conduta do homem, mas que agora se torna norma a ser cumprida. Sensível a esse fato, Machado nos apresenta exemplos históricos e literários utilizados pelo diabo para justificar sua doutrina e incentivar a prática do pecado. Homero, Rabelais, Antônio Dinis da Cruz e Silva, autor do poema *Hissope*, e Luculo materializam os pecados capitais, os quais se justificam justamente por terem servido de matéria a grandes obras da humanidade:

A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgaldada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu...” O mesmo disse da gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais, e muitos bons versos de *Hissope*; virtude tão superior, que ninguém se lembra das batalhas de Luculo, mas das suas ceias; foi a gula que realmente o fez imortal. Mas, ainda pondo de lado essas razões de ordem literária ou histórica, para só mostrar o valor intrínseco daquela virtude, quem negaria que era muito melhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em grande cópia, do que os maus bocados, ou a saliva do jejum? (p. 372)

Conforme se vê na citação, a inversão de valores proposta pelo diabo alcança êxito especialmente porque ele cria justificativas mais do que convincentes para afirmar sua ideologia, embora a explicação coerente para a prevalência dos pecados no mundo não constitua motivo justificável para a sua existência. Assim, a lógica diabólica criava mecanismos para justificar o injustificável.

Em outro momento, o diabo, propagando a sua doutrina, profere o seguinte apólogo: “Cem pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria” (p. 373). Por este apólogo, que reduz o homem ao acionista, entra-se no campo da vida moderna, devorada e esterilizada pela economia. O homem religioso, o cristão, o católico,

são extravagâncias e inutilidades na máquina do mundo (FAORO, 2001, p. 433). O católico perdeu as raízes cristãs que o alimentaram e lhe insuflaram o sentimento de divindade. Sua existência social se determina pela qualidade de burguês, cujo último estágio é o acionista, e não de membro da cristandade, da igreja. O mundo se estreita na caça do dinheiro, o cristão se anula no burguês, na imensa paisagem desolada e perdida do Diabo. Mas nem tudo é permitido: mortos os mandamentos, ainda vigoram as convenções e a polícia, que vigiam as ruas, os bancos, as assembleias de acionistas. Certo, há a consciência que rói surdamente, mas o brilho do vil metal a pacifica, como outrora a prece (FAORO, 2001, p. 436).

Além desses aspectos, nota-se que a ironia encontra seu ponto mais alto no fato de Deus abandonar o mundo nas mãos de seu maior inimigo. O homem é lançado à sorte e terá sua vida regrada por quem sempre negara. Contudo, basta que o diabo apresente a sua doutrina para que as multidões se juntem a ele e se esqueçam das práticas antigas. No fim do conto, quando voltam a praticar as antigas virtudes, fica clara a insatisfação com a estrutura religiosa de modo geral e mais ainda: fica clara a visão cética e questionadora machadiana ao não ver um caminho de salvação para o homem nas mãos divinas ou diabólicas. A contradição humana serve como explicação de Deus para a inconsistência das atitudes do homem, porém tal contradição é fruto de processos complexos, determinantes do rumo que levará a humanidade. A posição de Machado diante dos rumos reservados ao homem e, particularmente, ao Brasil, será de questionamento e descrença, tendo em vista a impossibilidade da bondade inata do ser humano e a mescla de modernidade e barbárie que reinava na sociedade brasileira do século XIX.

Esse modo, por vezes cético e pessimista, de examinar a realidade é uma atitude intelectual do autor, um modo de encarar a vida, uma insistente preocupação em ridicularizar os sistemas filosóficos, de satirizar a cega confiança dos autores nas próprias filosofias, e de modo geral, a confiança na ciência, nas instituições e na razão humana. Portanto, não se esgota como uma mera opinião, mas sim como um questionamento radical dos fatos e das verdades refletidos no fazer literário do autor.

O humor, como meio de expressar sua atitude crítica diante do que narra, funciona como mecanismo para revelar que a ironia estava não só na contradição humana, residia na própria estrutura da sociedade brasileira, alicerçada na crueldade do trabalho escravo e no regime do favor, porém importando, ao mesmo tempo, a ideologia liberal europeia, numa tentativa de se assemelhar ao que havia de mais avançado no mundo, confiante de que os progressos científicos e tecnológicos serviriam como a grande solução de todos os problemas. Captando essas contradições, o escritor produz narrativas calcadas em sua atitude negativa frente aos rumos do Brasil e do restante do mundo.

Talvez aí resida o problema maior, a “causa secreta” das ações humanas, nessas franjas de algodão em mantos de seda. As virtudes têm sua ponta inicial em algum motivo inconfessável, na maioria das vezes inspirado no egoísmo, na sensualidade, no amor-próprio. Em toda a obra machadiana aparecem fatos e situações que traduzem essa concepção.

Em “A igreja do diabo”, a inversão de valores e a não permanência do homem junto ao proposto pela nova doutrina, mais liberal, mostram como é difícil para o homem se encontrar e definir sua atitude perante a vida. A natureza humana é ambígua e é essa ambiguidade que permite ao diabo fundar a sua igreja. O homem é um ser de idas e vindas, não se encontra em Deus nem se encontrará no diabo porque, de acordo com o enredo do conto, não existe meio, religioso, científico ou tecnológico que sirva como tábua de salvação. Machado estava ciente disso e faz da literatura um elemento que revela a impropriedade das ideias presentes aqui, que são representadas metaforicamente na doutrina e organização da igreja do diabo.

A ironia, expressão artística da visão crítica do autor, da sua não confiança no homem e descrença na grandeza humana - vide Brás Cubas e sua trajetória de insucessos - possui um fundamento importante que é a volubilidade narrativa (SCHWARZ, 2001). O narrador machadiano, sobretudo o das *Memórias Póstumas*, transforma-se constantemente. Essa mudança funciona como um golpe no leitor, desidentificando o personagem anterior com o novo. A ruptura com os padrões, expressa na volubilidade, é um ato desleal do narrador que lhe proporciona um certo prazer, uma vez

que confere a ele uma pequena superioridade sobre o leitor e sobre a convenção em geral, que insiste em permanecer igual ao que era antes. A cada frase o narrador busca uma supremacia qualquer, a qual ele pode obter tanto sendo o melhor como sendo mais canalha que o leitor. Há um desrespeito em permanência, o qual não leva em consideração/ obedece a ordem que determina que as coisas devem começar pelo início e terminar pelo fim, que desconsidera a conveniência de tratar o leitor como uma pessoa à qual se deve certa distância.

A volubilidade é um princípio formal assumido pelo escritor que serve para retratar a classe dominante (SCHWARZ, 2001, p. 31). Esse aspecto que era simplesmente tema nas produções da primeira fase de sua obra torna-se agora elemento estético nas da segunda, servindo como meio de representação da postura da classe dominante brasileira, inconstante, levada a qualquer lugar por qualquer vento e autoiludida, por ter se apropriado de ideias que não lhe pertenciam e acabar presa a um engodo, de modo semelhante ao que aconteceu com o diabo que, julgando-se à frente de seu Criador por perceber a inconstância na postura do homem, crê que a igreja que irá fundar será mais eficiente que as outras, pois terá um condutor mais sábio e conhecedor da natureza humana.

Entretanto, após um rápido momento de regozijo, depara-se o diabo com a inconstância humana, que leva as pessoas a negarem as novas virtudes e retornarem às antigas, o que serve como um verdadeiro golpe no diabo, que se enganara o tempo todo ao se julgar o grande conhecedor da humanidade. Tem seus planos frustrados justamente porque a lógica que regia sua igreja não lhe pertencia, não possuía nada de novo em relação à antiga e por isso serve como engano a ele mesmo, grande retórico e prepotente.

Neste ponto também é permitido pensar com Schwarz quando utiliza a ideia de “universalização da volubilidade” (2001, p. 61). A volubilidade não está apenas na esfera social, mas também na humana, na pessoal. No caso de *Memórias póstumas*, além da narrativa de Brás Cubas ser volúvel e “escorregadia”, também o é o ser humano em geral. O que inicialmente era possível perceber apenas no narrador e no personagem foi sendo aprofundado: a volubilidade “é o pendor permanente de todos; designaria, neste caso, uma insuficiência metafísica do ser humano. Por outro lado, não lhe faltam também as conotações de cor local, mais genéricas do que uma propensão de fulano ou beltrano, mas nem por isso universais; nesta acepção, ela seria o indício distintivo de um sociedade entre outras.” (SCHWARZ, 2001, p. 62). A volubilidade é condição humana, é feição pessoal e é característica brasileira.

Isso posto, constata-se, também, que nos contos de Machado, o princípio fundamental é a relativização textual, que lhe vai propiciar uma ampla e inusitada fonte de expressividade. Ao tornar relativa toda a exterioridade, comportamento e, aos poucos, a própria essência do mundo, questiona o pré-estabelecimento, a permanência imutável dos conceitos e valores (DIXON, 1992, p. 89).

Esse raciocínio encontra grande correspondência no conto “A igreja do diabo”, já que a narrativa mostra com grande eficiência que, no mundo de tantos absolutismos pretensiosos, o relativo não deixa de vigorar, e a “eterna contradição humana”, mencionada por Deus ao final do conto, seria a confirmação disso.

“A igreja do diabo” leva-nos a apreender de forma mais completa a grande “comédia ideológica” existente na sociedade brasileira, contraditória e autoenganada, apropriada do que não era seu na tentativa de se mostrar avançada, assim como o protagonista do conto procurou superar a Deus com a mesma estrutura que deveria negar. A ironia desta situação serviu como instrumento formal para que Machado revelasse as mais profundas mazelas de seu tempo valendo-se de uma alegoria, brincando, aparentemente, com um tema religioso, porém demonstrando como a utilização de metáforas pode servir, e de modo extremamente eficaz, à retratação do real, de certa forma óbvio, mas que insistia em ser ignorado.

Referências

ASSIS, Machado de. “A igreja do diabo”. In: *Obra completa*. Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, vol. 2, p. 369-380.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

CANDIDO, Antonio. “Esquema de Machado de Assis”. In: *Vários Escritos*. São Paulo, Rio de Janeiro: Duas Cidades, Ouro sobre Azul, 2004, p. 15-32.

DIXON, Paul. *Os contos de Machado de Assis: mais do que sonha a filosofia*. Porto Alegre: Movimento. 1992.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do Capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

_____. “As ideias fora do lugar. In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 2005, p. 11-31.

Recebido em: 17/09/2017

Aceito para publicação em: 14/12/2017